

DA SURPRESA À DESMISTIFICAÇÃO: MINHAS EXPERIÊNCIAS COM AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Alcânia Vicente Peres Peligrine¹

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar minha visão de mãe de dois filhos com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação – AH/S. Aqui abordarei sobre a angústia da descoberta, a busca do esclarecimento e do entendimento de como lidar com as características cognitivas, emocionais e sociais dos filhos para que os indicadores se tornem, de fato, comportamentos superdotados. Descreverei um pouco sobre a trajetória escolar dos dois, suas características de personalidade e de quanto foi importante o contato com o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S – GO no processo de identificação e avaliação de cada um deles, bem como a importância do conhecimento que os pais devem ter para entender e atender as necessidades individuais de cada um, pois somente assim, as potencialidades apresentadas de fato, podem emergir.

Palavras chave: Altas habilidades/Superdotação, Experiências, Desmistificação.

Eixo Temático: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

1 - INTRODUÇÃO

Não raras vezes somos surpreendidos pelas experiências com as AH/S. Este universo além-particular é sobremodo desafiador. E, também, frequentemente desperta em alguns a angústia pelo desconhecido. Neste artigo, tentarei reproduzir essa angústia que diversas vezes me imobilizou. Posteriormente, mostrarei a transição imediata do tempo de surpresa com a descoberta das altas habilidades/superdotação para o estado prolongado (não necessário) da angústia e a urgente necessidade de transição deste estado para a desmistificação das AH/S.

Compreender que o isolamento pode ser definitivamente improdutivo na vida de crianças e adolescentes com características de altas habilidades foi, de fato, a descoberta. Somente a partir do entendimento de que o conhecimento meramente informativo não era suficiente para criar um ambiente estimulante e favorável à manutenção da criatividade própria das altas habilidades foi que me dei conta de que eu mesma era o impedimento para os meus filhos vivenciarem intensamente sua alegria por serem como são – pessoas com indícios

¹ Bacharel em Filosofia – Universidade Federal de Goiás. alcaniapp@gmail.com – 99421-4118. End. Av. Borba Gato Qd. 55 Lt. 8 Capuava – Goiânia – GO/Brasil - CEP 74 450 440

de altas habilidades. E ser um alto habilidoso não significa um ser gênio. Absolutamente. As altas habilidades/superdotação é a intersecção da capacidade acima da média, da criatividade e da disciplina, diz Joseph Renzulli². E um ambiente acolhedor é também um elemento fundamental para o desenvolvimento pleno dessas habilidades.

Para iniciar a descrição de minhas experiências com as AH/S, utilizarei a frase de Salomão, um dos sábios homens, segundo registra a história: “Tudo tem o seu tempo determinado”. Sendo assim, pretendo demonstrar que compreender a transitoriedade do tempo, é uma exigência que nos permite fazemos o melhor plantio na vida dos seres humanos. E que esta intuição, não diferentemente, se aplica à vida das crianças e adolescentes com características de AH/S.

Aqui, tentarei demonstrar que a satisfação em ter filhos com indícios de altas habilidades/superdotação foi ofuscada pela ideia fantasiosa em torno do conceito de superdotação e pela urgência em obter respostas mediáticas por parte dos meus filhos.

Minhas experiências foram marcadas por três etapas. Houve o tempo da surpresa, o tempo da angústia e o tempo da necessidade do abandono da angústia (que neste artigo denomino de desmistificação).

Para melhor compreensão, apresentarei um pouco do processo evolutivo de meus filhos, iniciarei pelo filho mais velho, Gabriel Peres Peligrini, e posteriormente, descreverei sobre o desenvolvimento, sobretudo social da minha filha, Ana Gabriela Peres Peligrini.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

Minha gestação do Gabriel foi bastante tranquila. Tinha o hábito de cantar, contar e acariciar a barriga em horários programados. O parto, contudo, foi meio conturbado. E sobre ele prefiro não me prender aos detalhes. Tive o privilégio de amamentá-lo até um ano e dois meses de idade. Ele era um bebê amabilíssimo. Visivelmente saudável.

Suas características mais marcantes na primeira infância eram: sempre calmo, sorridente, curioso, inteligente, centrado, observador, obediente. Falou muito cedo, com seis meses – a palavra?... “ua” (lua). Desde muito pequeno demonstrava profundo interesse por carros.

Desta fase compartilho uma experiência marcante: com um ano e seis meses o Gabriel reconheceu, espontaneamente, a palavra *fiat* em uma camisa esportiva que vestia um rapaz

² Renomado pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa sobre o Superdotado e Talentoso da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, in VIRGOLIM, Ângela M. F.(org.) Altas Habilidades / Superdotação – Encorajando Potenciais. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

desconhecido. Fiquei extasiada quando percebi que ele não estava fazendo referência dentro do contexto habitual, mas reconhecendo a palavra em uma camiseta, algo nada familiar.

O Gabriel tinha o hábito de desmontar e montar carrinhos. Quando passamos a observar melhor passamos também a investir em uma coleção de carrinhos para ele. Acredito que esta atitude tenha sido nosso grande acerto quanto aos estímulos adequados que reforçariam nele o interesse que mais tarde ele manifestaria pela engenharia mecânica.

Quando começou a frequentar a Educação Infantil notamos um tratamento diferenciado dado a ele por parte das professoras e funcionários da instituição. Ele sempre se destacava pelo seu desempenho e sua forma respeitosa de tratar as pessoas. Acreditamos que isso lhe conferia aceitabilidade. Mas, embora o Gabriel já tivesse sido percebido pelas professoras o reconhecimento, contudo, se limitava ao simples reconhecimento de bom aluno. Nada mais.

O reconhecimento “produtivo”, mas ainda não oficial, se é que posso dizer assim, só aconteceu no terceiro ano do ensino fundamental. Primeiro através da professora. Depois vieram os reconhecimentos da coordenadora e diretora da instituição de ensino. A professora Agda, em época, confessa ter ficado encantada com as produções textuais do Gabriel e com sua capacidade de apresentar soluções novas para problemas matemáticos mais complexos. A ela seremos eternamente gratos; pois partiu dela a iniciativa de nos procurar e nos alertar para a distinta capacidade de raciocínio lógico do nosso filho.

Até aquele momento tudo era pura satisfação. Afinal, quem não gosta de ouvir elogios por parte dos professores em relação aos seus filhos? Todavia, citando Carlos Drummond de Andrade: “tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho tinha uma pedra.” (DRUMMOND, 2010). Diante do encantamento com o talento do Gabriel e de outra aluna, a escola decidiu em tornar público tal reconhecimento da instituição pela distinta capacidade cognitiva deles. Este acontecimento gerou insatisfação em alguns colegas do Gabriel, e, o bullying nos dias seguintes à homenagem se instaurou. A partir daí ele já nos dizia claramente que não queria ser mais inteligente, pois isso só fazia com que seus “amigos” se afastassem dele. Com muita conversa conseguimos ajudá-lo a entender sobre a importância de continuar sendo exatamente o que era: inteligente, criativo e disciplinado. Seguros de que havíamos conseguido reverter à situação seguimos “Tocando em frente”, como inspira a composição de Almir Sater.

No ano seguinte o Gabriel passou a estudar em outra escola. Neste período ele estava iniciando o ciclo II do ensino fundamental. Ele continuou sendo um dos melhores alunos da

sala passou na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas e manteve-se em destaque.

No entanto, no ciclo III do ensino fundamental, as coisas começaram a se modificar. Como ele havia sido selecionado pela OBMEP, o desafio seria então ser bolsista CNPq Jr. na Universidade Federal de Goiás. Nesta época ele teve uma grande evolução disciplinar quanto às tarefas de casa, embora, não definitiva, porque de fato, ele nunca gostou de fazer tais tarefas. Esse era seu pavor... e em certa medida ainda o é.

No entanto, depois que começou a frequentar o CNPq Jr., tanto mais exigente ele se tornou em relação ao raciocínio lógico. E foi em razão da necessidade de desafios que começou-se o troca troca de escolas.

Em meados de 2015 descobrimos o NAAH/S que realizou a avaliação e identificação das características e necessidades de Gabriel como o objetivo de orientar a família e a escola quanto ao melhor atendimento de acordo com as potencialidades que ele, por ora, apresentava. De lá para cá foram muitas as novidades. Neste ano estava passando por uma dura experiência. Havia sofrido agressão física pelo o meu esposo. Estava destruída por dentro. Mas, aconselhada pela então coordenadora do Núcleo, Meire Luiza de Castro, decidi juntar os caquinhos e procurar ajuda profissional. Neste período nossa filha mais nova estava com três anos. Devagar e em tempo fui me reconstruindo. Estava decidida a ir onde fosse necessário a fim de que o Gabriel se encontrasse em seus talentos. Sobre a busca por conhecimento Fleith afirma:

Quanto menos esclarecida for a família do superdotado, mais ela fantasiará os proveitos e vantagens que poderá tirar da situação de ter um filho com as altas habilidades/superdotação. Quanto mais esclarecida, mais conflitos poderá viver por não encontrar na sociedade receptividade, aceitação e atendimento apropriado às necessidades educacionais especiais de sua criança. (FLEITH, 2007)

Nesta busca o NAAH/S nos apoiou, nos acolheu, forneceu informações por meio de reuniões e encontros periódicos. Recebemos todas as orientações necessárias referentes à habilidade do Gabriel. Digo recebemos, porque, apesar de não estar morando na mesma casa com meu esposo neste período, ele, contudo, nunca se omitiu de estar ao meu lado na busca pelo melhor em relação aos nossos filhos. Veio à surpresa: um filho com indícios de altas habilidades/superdotação. Mas o que de fato era altas habilidades/superdotação, perguntávamos?

A Política Nacional de Educação Especial (1994) define como portadores de altas habilidades / superdotados os educandos que apresentarem notável desempenho e

elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora. (Saberes e Práticas da Inclusão, 2006)

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial o Gabriel seria (é) o tipo acadêmico (aptidão acadêmica específica?), apresenta talento especial para artes e habilidade psicomotora. Sobressai-se em atividades de seu interesse, gosta e desenha muito bem e se empenha muito no basquete, esporte que desenvolve muito bem.

Na busca por conhecimento, em 2016, decidi por fazer os dois cursos oferecidos pelo Núcleo: um no primeiro semestre: Os fundamentos teóricos das altas habilidades/superdotação na perspectiva inclusiva, e no segundo semestre o AEE em AH/S. Fiquei vislumbrada com a qualidade dos cursos e com todas as informações obtidas algo a mais se remoía dentro e mim, pois o conhecimento faz com que tenhamos que praticar, pois só faz sentido se gerar mudanças de comportamento, sendo assim, procurei estar mais próximo ao Gabriel, buscando compreender seus interesses e necessidades ajudando-o a desenvolver suas potencialidades.

No NAAH/S, outras possibilidades se abriram. O Gabriel teve a oportunidade de participar de um projeto chamado Talento de Mãos Dadas, conheceu pessoas que também tinham habilidades como a sua e bem como outras totalmente distintas, teve atendimento com coaching que o ajudou a se compreender, a lidar com seus sentimentos e emoções, e por seu forte interesse na língua inglesa recebeu uma bolsa de inglês em uma escola conceituada em Goiânia, dominando, rapidamente a segunda língua. Se envolveu com projetos, teve suas habilidades reconhecidas e potencializadas com oportunidades e recursos. Sobre os benefícios de programas extracurriculares, afirma Sabatella:

[...] eles têm, basicamente, dois grupos de companheiros com os quais necessitam interagir: os pares de mesma idade e os pares intelectuais. Mantidos em suas classes regulares, onde encontram seus amigos, com os quais brincam, fazem esportes e desenvolvem sua vida social, os alunos experimentam a inclusão e aprendem, ao mesmo tempo, a conviver com a desigualdade. Por outro lado, ao participarem de atividades especiais, dentro e fora da sala de aula, convivendo com iguais, se diferenciam. Podem, ainda, satisfazer suas curiosidades particulares, buscar desafios compatíveis com seus potenciais e trabalhar seus afetos e emoções, aprendendo sobre si mesmos. (SABATELLA, 2007)

Em continuidade à procura de desafios compatíveis dos quais fala Sabatella, hoje, o Gabriel estuda no Instituto Federal Goiano – Campus Trindade. Está no segundo ano do curso de Automação Industrial. Continua sendo um dos melhores da sala e segue reafirmando o que

sempre afirmou desde os quatro anos de idade: que será um grande engenheiro e dono de sua própria engenhosidade.

Frequentemente vejo desenhos em seu caderno em folhas distantes uma da outra. Posso afirmar: os desenhos além de registrar um talento, revelam, sobretudo, um enorme tédio com a aula do momento. O tédio às vezes é profundíssimo, a ponto de em um dia ele tirar zero e no dia seguinte tirar dez na mesma matéria da prova. Isso não é frequente, mas quando acontece é intenso. No prazo de um ano e meio isso ocorreu três vezes e em matérias que ele gosta, como matemática e física. E o incrível é que isto quando acontece parece, na verdade, ser um desafio que ele mesmo cria para si.

Das características da infância do Gabriel, foi preservada a calma, a curiosidade, a inteligência, a concentração quando do seu interesse, o lado observador, a obediência e o bom trato com as pessoas. O sorriso? Esse ele reserva para as frequentes partidas de basquete, para a descontração com os colegas, para eventuais desafios lançados pelos professores em sala de aula sobre problemas matemáticos complexos. Tempo que ele considera oportuno para nutrir seu raciocínio lógico e comemorar.

SEGUNDA EXPERIÊNCIA

Segue agora, como acima proposto, um breve registro histórico sobre o desenvolvimento da nossa filha mais nova, Ana Gabriela Peres Peligrini.

Minha gestação da Ana Gabriela, diferentemente, da gestação do Gabriel, não foi nenhum pouco tranquila. Logo de início tive descolamento de placenta. Depois veio a terrível notícia de que um irmão havia tentado suicídio. Vieram as sucessivas cirurgias que colocavam em risco a vida dele. Em seguida veio o acidente com o Gabriel, no transporte escolar e, por fim, o parto que teve que ser antecipado.

Depois da cesariana, a Ana Gabriela foi direto para a incubadora. Segundo o obstetra, ela havia engolido líquido amniótico. Naquela noite não havia nenhum pediatra no hospital, mesmo assim o médico optou pela retirada da Ana. Na manhã seguinte ela foi transferida para a UTI. Ficou quatro dias na UTI neonatal e um dia na enfermaria.

Os cinco primeiros dias após alta foram muito conturbados. Havia uma série de cuidados e recomendações médicas. Mas em função de uma reforma na casa e do adiantamento do parto não tivemos condições de cumprir com todas as recomendações. No entanto, depois de alguns meses a situação foi de normalidade.

A Ana Gabriela, também falou muito cedo. Aos seis meses de vida. A palavra? “A ua” (a lua). Falou e apontou. Vocês devem estar se perguntando: Lua? Também? Ora, isso

provavelmente, e a meu ver, se deve ao fato de todo começo de noite eu repetir com a Ana Gabriela o mesmo que fiz com o Gabriel: ir de uma esquina a outra por várias vezes mostrando-lhe a lua e cantarolando a palavra.

A partir de um ano de idade algumas de suas características foram ficando marcantes: sempre nervosa, fechada, curiosa, inteligente, centrada, observadora, seletiva e criativa. Desde muito pequena deu demonstrações pelo interesse artístico. Seu jeito de manusear brinquedos e objetos era notoriamente diferente das demais crianças de sua mesma idade. E isso foi ficando cada vez mais perceptível à medida que ela se envolvia em seu mundo imaginativo e fechado. Quando completou três anos, a levei no NAAH/S com o intuito de receber informações sobre as características dela, uma vez que com os conhecimentos até então que eu tinha percebi algumas potencialidades que eu poderia auxiliar para que ela tivesse pleno desenvolvimento.

A equipe depois de vários encontros pôde constatar que minhas desconfianças faziam sentido. No entanto, também consideramos alguns comportamentos, tais como, dificuldade de relacionamento social, introversão, sinais de irritabilidade, hiperfoco em desenho, que poderiam ser confundidos com autismo e sugeriu que eu passasse a observar tais características.

De imediato fui pesquisar sobre o assunto e decidi marcar uma consulta com a pediatra do posto de saúde que a acompanhava desde os primeiros dias de vida. Levei minhas angústias para o consultório. A pediatra solicitou uma avaliação com um neuropediatra, embora, discordasse do meu pedido de encaminhamento. Pois segundo ela, de acordo com seus quase 30 anos de experiência não havia motivos para tal desconfiança.

A consulta não demorou a sair. Saiu para o Centro de Orientação Reabilitação e Assistência ao Encefalopatia. E, não foi necessário mais do que duas consultas para a neuropediatra eliminar a possibilidade de autismo leve e levantar a hipótese de que a Ana Gabriela, na verdade, teria características de crianças alto habilidades. De modo que, a meu ver, tanto minhas suspeitas quanto a da equipe do Núcleo estavam com este parecer apenas sendo reforçadas.

Agora, embora estivéssemos alegres com a supressa, estávamos, todavia, angustiados; pois a sensibilidade e dificuldade de socialização da Ana Gabriela eram muito intensas. Na consulta com a neuropediatra foi nos dado um encaminhamento para o psicólogo e neuropsicólogo. Em comum acordo eu e meu esposo decidimos por procurarmos apenas a ajuda profissional do psicólogo, pois já sabíamos que a habilidade artística não exige teste de QI. Mas este acompanhamento por fim também não aconteceu dado que, quando a consulta saiu (saiu agora no primeiro semestre de 2019), a Ana Gabriela já tinha dado largos passos no

desenvolvimento social, já se comunicava sem nenhuma dificuldade com os familiares, com as professoras e com os colegas.

Em agosto de 2017 colocamos a Ana Gabriela no Instituto de Educação em Artes Gustav Ritter. Mas, esta foi uma conquista pessoal dela. Nós apenas a incentivamos e a inscrevemos para o processo seletivo. Todo mérito de fazer ballet desde os cinco anos de idade no instituto é exclusivamente dela. No início foi angustiante. Notávamos uma dicotomia. Um sentimento de alergia e de tristeza. Alegria por ela estar fazendo o que tanto desejava e tristeza pela dificuldade dela de socializar-se.

Sua primeira experiência com o ballet foi com um professor que, segundo a própria Ana Gabriela, era muito bravo. A princípio isso a deixou muito assustada. Mas, com cuidado fomos deixando claro que, ela encontraria pessoas mais calmas e mais bravas em todo o lugar. Em sua primeira apresentação no palco ela ficou entusiasmadíssima nos ensaios. No entanto, no dia da apresentação, quando se deu conta de que nós não estaríamos ao lado dela logo depois de sua saída do palco chorou copiosamente, segundo conta ela mesma. Explicamos a ela que sempre estaríamos ao lado, mas que estar ao lado, em algumas ocasiões, não significa estar pertinho. Ela entendeu. Nunca mais chorou por esse motivo.

Continua fazendo ballet e dança em todos os espaços, gosta de cuidar de sua alimentação e segue afirmando que vai entrar para o corpo de baile.

Estamos contentes em ver seu desenvolvimento, criatividade, disciplina e seu interesse pelo ballet e estudos. Percebemos que a dança a faz sentir comunicativa, livre e feliz. Que o ato de desenhar e fazer trabalhos manuais revelam seu “estado de espírito” do momento e que a disciplina com os estudos a faz sentir-se responsável.

Desde o primeiro relatório escolar do ensino infantil sobre ela, a criatividade, disciplina e interesse pela área artística e acadêmica foram notados e registrados pelas professoras.

Hoje, a Ana Gabriela está com sete anos, cursando o primeiro ano do ensino fundamental, já iniciou o ano letivo lendo fluentemente e dominando a letra cursiva, seus cadernos são impecáveis quanto à organização. Ainda no primeiro semestre do ano vigente o NAAH/S fez nova avaliação e em parceria com a escola foi sugerida a ela o avanço escolar, pois reclamava muito da repetição dos conteúdos e de serem ensinadas coisas que já sabe. No entanto, depois de algumas conversas notamos que apesar das reclamações, ela demonstrou, todavia, estar supersatisfeita em seu relacionamento com a professora e colegas. Diante essa decisão o NAAH/S e a escola buscaram outras estratégias de enriquecimento na própria sala

regular e eu, enquanto representante da família, orientada a continuar a favorecer um ambiente propício ao desenvolvimento dela em todas as áreas possíveis.

Das suas características marcantes da primeira infância mantem-se: a criatividade, inteligência, sua capacidade de concentrar-se em seu interesse, seu lado observador, sua capacidade seletiva e a curiosidade. O nervosismo e o fechamento? Esses diminuíram consideravelmente, mas continuam a ser uma de suas marcas. E acho que sempre será. Sua sobrancelha direita arqueada não me deixa duvidar disto.

Tem uma experiência muito particular que em determinado tempo me serviu de instrumento para reflexão. Sempre tivemos o hábito ler histórias infantis durante a tarde e, preferencialmente, histórias bíblicas antes de dormir. Em uma dessas ocasiões ao ler a história do sacrifício de Abrão, na Bíblia Passo-a-Passo, a Ana Gabriela ficou chocada e irritadíssima com a ilustração que retratava o momento em que Abrão levantava ao alto a faca a fim de atingir seu filho, Isaac como sacrifício. Com o semblante fechado e sobrancelha arqueada ela tomou a bíblia da minha mão e disse em voz firme: eu não quero saber dessas histórias violentas. No mesmo instante pedi que ela me entregasse a Bíblia para mim então poder guardá-la. Em seguida disse que, quando ela sentisse vontade de voltar a ler aquele livro nós voltaríamos a ler. Fui deitar-me com aquela cena na mente. Foi assim por algumas noites até que, determinado dia ela me perguntou: Por que na Bíblia tem histórias violentas? Ao que eu então respondi: por que ela fala de vários assuntos, inclusive deste. Hoje, depois de mais ou menos dois anos desta experiência, a pedido dela, voltamos a ler a Bíblia passo-a-passo. E com o apoio de outra versão temos tido a oportunidade de explorar as diferentes interpretações nas ilustrações.

Sobre essas características apresentadas por Ana Gabriela, Fleith diz que, entre as várias “características comportamentais de crianças com altas habilidades/superdotação pode-se ser notado uma sensibilidade às injustiças, tanto em nível pessoal como social.” (FLEITH e ALENCAR, 2001).

Antes de dormir a Ana Gabriela ainda gosta de ouvir e ler histórias e a um bom tempo aprendeu a ouvir áudio em francês para aprender a língua e pegar no sono. Ela sabe da minha admiração pela cultura francesa. Acredito que isto a tenha influenciado de alguma maneira. Afinal, gostamos de conversar e pesquisar sobre a França. Só eu e ela.

DA ANGÚSTIA A DESMISTIFICAÇÃO

Aqui descreverei um pouco sobre minhas angústias diante as descobertas e das necessidades de sempre buscar o conhecimento a fim de atender com qualidade e segurança

duas pessoas com as mesmas capacidades, porém com comportamentos e personalidades tão distintas.

As diferenças de sexo, idade, temperamento e habilidades, de início promoveram em mim muito mais angústia do que contentamento. Demorei um pouco a assimilar essas particularidades. E talvez a demora tenha se dado em razão da minha enorme segurança de que apresentando os mesmos estímulos haveria, inevitavelmente, as mesmas respostas por parte deles. Felizmente não é assim.

Quando percebi que os interesses deles não eram os mesmos, apesar dos mesmos estímulos lhes serem apresentados, decidi estudar mais sobre as AH/S na área artística e em meninas. Notei, porém, que isto não seria suficiente.

Em um encontro com a coordenadora do Núcleo uma de suas falas chamou-me a atenção. Disse ela: “o mito em torno da superdotação causa muita confusão”. O tom de voz foi esclarecedor, revelador. O suficiente para entender que eu ainda não havia conseguido fazer essa leitura. Daí minha dificuldade em compreender melhor as particularidades de cada um dos meus filhos em relação às AH/S. Daí o motivo da angústia prolongada.

Segundo Ghiraldelli, para os pré-socráticos o mito é uma explicação:

Mito (do grego *μῦθος* e do latim *mythós*) deriva do verbo *mtheo* e do verbo *mtheo* – o primeiro significa narrar contar e o segundo, conversar designar. Na sua fase etimológica e cultural a palavra “mito” indica uma narrativa na qual o ouvinte acredita (pois da fé à fonte do mito, o narrador) e à qual confere assim, o caráter de verdade. O mito pode bem, portanto, ser uma explicação. (GHIRALDELLI, 2018)

Ainda segundo o doutor em filosofia da educação, Ghiraldelli, o mito, contudo seja uma explicação é, todavia, uma explicação fantasiosa, imaginativa. Deste modo, a imaginação, pensa Espinosa (ESPINOSA, 1998). “... não é simplesmente ignorância absoluta (...) é simplesmente uma ideia que não pode exprimir adequadamente a sua causa e ignora essa mesma insuficiência.”

Segundo pensa Sabatella:

A sociedade carrega alguns mitos que precisam ser rompidos para que os indivíduos com AH/SD possam ser de fato incluídos. “Os mitos e as concepções errôneas disseminadas como verdade são os principais responsáveis pela incompreensão para as necessidades diferenciadas do indivíduo superdotado e pelos prejuízos relacionados com a falta de seu reconhecimento. (SABATELLA, 2008)

título de exemplificação, confesso ter feito esta confusão por várias vezes. Mas, para não incorrer ao erro da repetição, vou ilustrar com apenas duas descrições. Certa vez o Gabriel tirou um zero em uma prova de física e na semana seguinte tirou 9.5, na mesma matéria. Quase enfartei. Fiz mil e uma perguntas a mim mesma. Particularmente, aquilo era inaceitável. Afinal, ele era ou não era um adolescente com superdotação? Recentemente o mesmo se repetiu. Acreditem, não tive uma crise filosófica. Tão pouco enfartei. Apenas perguntei: “tem algo que está te incomodando, meu filho?” Ao que ele respondeu: “Não sei... mãe, só me deu um branco. Estou muito cansado.” De fato, o cansaço é visível. Afinal, ele estuda em período integral em um Instituto Federal. O Campus fica em Trindade. Ele acorda 04h30min da manhã. Pega dois ônibus pra ir e dois pra voltar. Chega em casa por volta das 19h20min. São os relatórios, o projeto e as tarefas de casa. É realmente cansativo.

E, “*como tudo tem o seu tempo determinado*”, em meio a tanto cansaço tem também o tempo do descanso.

Lembram-se dos motivos que o fazem o Gabriel sorrir? Pois então, são os mesmos que o fazem descansar.

O mesmo acontece com a Ana Gabriela. Apesar de gostar muito de desenhar ela nem sempre desenha bem, sobretudo quando está desinteressada. Já percebi inclusive, que, quanto mais intenso é seu silêncio mais criativo são seus desenhos.

SOBRE MINHAS INQUIETAÇÕES...

Com o reconhecimento das potencialidades de meus filhos tive uma mistura entre orgulho e medo, ora, pois, como é bom ter filhos com inteligência acima da média, altamente capazes... mas como assim, eles por si só, serão capazes de desenvolver toda essa potencialidade? Sobre essa descoberta encontramos uma citação no MEC, 2007:

A literatura afirma que os pais, ao tomarem conhecimento de que seu filho apresenta características de altas habilidades, demonstram uma reação similar aos pais de filhos que apresentam algum transtorno de aprendizagem. Tal reação dos pais é consequência da ansiedade e insegurança que acompanha o fato de seu filho ser diferente e de precisar de um acompanhamento especializado para que seu desenvolvimento acadêmico e sócioafetivos ocorram de forma saudável. Além disso, o tema altas habilidades/superdotação é carregado de mitos e estereótipos gerando vários preconceitos que confundem os pais no processo de compreensão das características e necessidades do próprio filho. (apud FLEITH, 2007.)

Podemos acrescentar nesta citação um erro bastante comum cometido por pais de crianças e adolescentes com altas habilidades/superdotação, mas que não aparece na citação de Dettmam e Colangelo. Frequentemente faz-se uma confusão entre angústia e conflito. Foi

o que pude vivenciar e, hoje, vejo outros pais vivenciarem. Etimologicamente o primeiro termo refere-se à carência, a falta, ao estado de ansiedade, inquietude sofrimento, tormento. Já o segundo termo refere-se à profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes. É enfrentamento.

Neste sentido cabe ressaltar que a angústia presente neste artigo é quase a angustia da má-fé da qual se referia o filósofo francês Jean-Paul Satre. De acordo com o Satre, a má-fé é o ato do indivíduo não querer fazer uma escolha pela qual terá que responsabilizar-se. Daí sua opção pela não escolha.

Note que os dois conceitos referem-se à falta. No entanto, no conflito a falta é uma exigência de partes, portanto, requer duas ou mais partes envolvidas.

Em minha experiência a angústia prolongada já havia me isolado. E não ter que fazer algumas escolhas me parecia muito mais cômodo. Quando percebi que a angústia me imobilizava frente às reais necessidades que meus filhos tinham (e ainda tem), passei a compreender que deveria fazer um salto. Este entendimento me deu condições de saltar da angústia para o conflito. De saltar da fantasia para a desmistificação. Assim, passei a compreender a necessidade da desmistificação das AH/S. Logo, não fazia sentido manter aquele comportamento próprio da angústia. Saí do isolamento. Entrei no conflito. No conflito não estive só. Até por que, como dito anteriormente, o conflito tem uma exigência: duas ou mais partes envolvidas.

No caso das AH/S é fundamental o envolvimento de três partes: família, escola e sociedade. A família, porque é o primeiro contato de afeto dos altos habilidosos, e assim como de qualquer outra pessoa. A escola, por que é o espaço que favorecerá a possibilidade de identificação das AH/S junto aos pares e a sociedade, por ser o lugar onde as AH/S podem ser, de fato, reconhecidas, potencializadas e produtivas, de modo a beneficiar a um maior número possível de pessoas com perfil de minoria, afinal, para este proposito existem as políticas públicas).

E para clarear, cito Salomão: Se tudo tem seu tempo, há, portanto, tempo de plantar e tempo de colher.

Então pais, professores e profissionais, embora o tempo seja determinado, há no núcleo de sua determinação a exigência de uma transitoriedade e o caráter transitório do tempo, por si só, impõe sobre nós: família, escola e sociedade, a missão de fazermos a tarefa que nos é confiada. E segundo pensa Virgolim e Fleith, um dos grandes desafios da educação é oferecer aos superdotados oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para a aprendizagem, em um contexto sociocultural. (Saberes e Práticas da Inclusão- 2006.)

Devemos considerar as altas habilidades/superdotação como um fenômeno que está presente, sob alguma forma, no contexto familiar. Dentro da família, inclusive, é que os primeiros sinais de precocidades são demonstrados. Para atender melhor o aluno e sua família, os profissionais que atuam nessa área precisam compreender como a família contribui para a emergência dos talentos do filho. Portanto, precisam compreender primeiramente como ocorre a relação entre a bagagem biológica familiar e a bagagem proveniente das experiências vivenciadas nos contextos da sociedade e de uma cultura, bem como de todo o clima afetivo que permeia as interações sociais e que estarão atuantes na manifestação das altas habilidades/superdotação. (FLEITH, 2007)

“Vários estudos destacam a importância da família para a manifestação, desenvolvimento e reconhecimento da superdotação.” (FLEITH e SILVA, 2008).

Assim, para não sermos tomados pela angústia prolongada desnecessária e improdutiva produzida pelo mito em torno das altas habilidades diante das supressas que a ela própria nos reserva, faz-se mister, primeiro: vivenciar a surpresa; segundo, desmistificarmos nossos conceitos de superdotação, e por fim, fazermos” o dever e casa”, como nos diz o poeta Mário Quintana, em seu poema intitulado de “O Tempo”:

O Tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, á são seis horas!
Quando se vê, á é sexta-feira!
Quando se vê, á é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra
oportuniza, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria
jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais não deixe de fazer algo de que obsta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

(QUINTANA, 1980)

Nesse sentido, família, escola e sociedade são responsáveis pela tarefa de “encaminhar o desenvolvimento de pessoas e encontrar a melhor e mais apropriada forma de prover a cada um aquilo de que ele necessita para se tornar o melhor ser humano que pode vir a ser”, afirma Guenther. (GUENTHER, 2000)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante todo o exposto, concluo aqui o quanto é importante o conhecimento acerca das necessidades cognitivas, afetivas e sociais das pessoas com indicadores de altas habilidades e do importante papel desempenhado principalmente pela família para que os talentos possam deixar de ser promessas para de fato serem desenvolvidas com segurança e qualidade.

Nessa trajetória entre conhecimento, aceitação, angústia e ação pode se perceber o quanto é importante termos profissionais qualificados que nos apoie e nos direcione a fim de tomarmos decisões assertivas quanto a melhor forma de atender as necessidades específicas de nossos filhos.

Sendo assim, reitero meus agradecimentos ao NAAH/S que sempre nos atendeu e nos ajuda nessa busca por conhecimento, acalentando nossas angústias e nos levando a pensar e compreender as reais necessidades de nossos filhos de maneira a respeitar seus interesses, aptidões, estilos de aprendizagem e formas de expressão. Essas orientações nos permite diminuir as angústias e tomar decisões com mais segurança.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS:

ANDRADE, Carlos Drummond. *Uma pedra no meio do caminho – Biografia de um poema*. 2ª edição. Rio de Janeiro. IMS. 2010.

ESPINOSA, Baruch. *Tratado-Teológico-Político*. Tradução: Diogo Aurélio Pires. São Paulo. 2ª edição. Martins Fontes. 2008.

FLEITH, Denise de Souza. *Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Vol.3. O Aluno e a Família**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. *História da Filosofia: dos Pré-socráticos a Santo Agostinho*. São Paulo: CEFA EDITORIAL. 2018.

GÜNTHER, Z. C. *Desenvolver capacidades e talentos: Um conceito de inclusão*. Petrópolis: Vozes

QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre. 1980.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. *Talento e superdotação: problema ou solução?* Curitiba: IBPEX. 2005

SABERES E PRÁTICAS DE INCLUSÃO: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidade educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. Brasília MEC Secretaria de Educação Especial 2006.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Editora: Vozes 24ª edição. 1997.

SHEDD, Russel. *Bíblia Shedd*. São Paulo: Vida Nova; 1997.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. *A influência da família no desenvolvimento da superdotação*. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 2, p. 337-346, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-85572008000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 6 fev. 2016.

VIRGOLIM A.; KONKIEWTTZ E. C. (org.). *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade*. Campinas, SP: Papirus, 2014.